

Nós e o Mundo

MAURA DE SENNA PEREIRA

IMPERADOR DO ACRE

Em boa hora, a Editora Brasília/Rio lançou, em segunda edição, «Galvez, Imperador do Acre», de Márcio Souza, cuja estrêla, não sei bem onde, passara despercebida. Na orelha, diz com sua lucidez crítica o escritor Hélio Polvora: «Mais engraçado e mais criativo que *Pantaleão* e as *Visitadoras*, de Márcio Vargas Llosa, passado na Amazônia peruana, GALVEZ, IMPERADOR DO ACRE, começa por sonegar o exotismo, a nota de cor local que infesta tantas novelas sobre a selva.» E o professor Almeida Cousin, que prepara a sua *História Panorâmica da Literatura*, escreveu esta nota no volume que recebi da Editora e que expressa tão bem o meu pensamento que vou transcrever-lhe *ipsis litteris*: «É o livro mais original na «virada» produzida pela nova geração: faz a comédia da Amazônia.

Antes fizeram o ensaio, o drama, o mistério, a fantasia, o poema, a tragédia: Tavares Bastos, Euclides da Cunha, Alberto Rangel, Ferreira de Castro, Gastão Cruls, Raul Bopp, de Cobra Norato, Violeta Branca — na sua poemática de vitória-régia desilante sobre as grandes águas...

Não, assim Márcio de Souza: realiza a impossibilidade da comédia — dentro do lineamento histórico — de maneira inédita, relatando linearmente na primeira pessoa através do seu anti-herói Luis Galvez.

Este é um pícaro, que fora diplomata espanhol, viajado e cultíssimo, tornando-se um aventureiro da sociedade e da selva, seguindo rio acima num seqüito de mulheres e cenários de ópera bufa nababesca no Teatro Amazonas e ceninhas de zarzuela de coristas, e novos ricos por Belém e Manaus — as capitais faustosas do apogeu da borracha. Desfile de erotismo alegre, digno de ciência e arqueologia cômica, através do explorador Sir Henry, acreditando em implantadores de civilizações extraterrestres; intriguilhas políticas pela ocupação do Acre — que culminam, afinal, na conquista divertida de Puerto Alonso, com a instalação e queda do «império» caricato de Galvez, Pro Branco não aparece. Nem nada sério. A verdade é subjacente. Crônica-aventura, romance-opéreta de novo tipo — delirioso.

● LEMBRETES — «Nos fins de semana, economize gasolina — leia um bom livro» (slogan lançado pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros). ● «O importante é a arte existir onde existe o povo» — foi o princípio que norteou a 1.^a Coletiva Nacional de Arte de Rua em Brusque, trabalho pioneiro que teve enorme sucesso e foi executado por um grupo de jovens artistas daquela cidade catarinense, alguns dos quais dirigem o jornal «Cogumelo Atômico».

DOMINGO, 26 e 28-FEIRA, 27/6/1977

GAZETA
de notícias

Diante desses esclarecimentos, as *corujas* se recolhem, novamente, à sua ambiência opaca, enquanto urdem novos planos para acabar com a luz, na sua ridícula e obstinada guerra aos *pirilampus*...

minha admiração de ouvinte e de telespectador pelo radialista, pelo Homem de convicções e, sobretudo, por quem, num fim de festa iluminada, prega o Amor e a Solidariedade Humana. Só por isso ele já teria conquistado o meu aplauso.

Rubem Gerardi

O Embaixador do Samba



— Eu me sinto muito bem, muito satisfeito, pela oportunidade de falar em ALZIRO ZARUR, nosso companheiro aqui da Rádio Metropolitana. Mas, muito antes de pensar em Rádio, muito antes de ser o «Embaixador do Samba», eu já conhecia, como todo o Brasil conhece, o meu Irmão Alziro

Zarur. E todos nós podemos comprovar as suas 33.000 audições em todo o País. Eu me lembro muito bem: quando ainda era rapazote, o meu padrasto (Deus o tenha em bom lugar!), o Sr. Pires, era fã ardoroso de ALZIRO ZARUR. E me lembro de uma passagem: ele discutia com minha mãe porque, na hora do PROGRAMA ALZIRO ZARUR, ninguém podia dar um pio! E o Sr. Pires nos levava a ouvir o Irmão ALZIRO ZARUR! Dai a minha satisfação ser muito grande. Resta, apenas, em meu nome — em nome de todos os sambistas do Brasil — dar os nossos parabéns a ALZIRO ZARUR pelas 33.000 audições em todo o País, esclarecendo o Brasil e o Mundo!